João Chrysóstomo de Oliveira

A BÍBLIA,
O Livro da Liberdade Salvadora

(Ligeiro estudo da liberdade nas páginas da Bíblia)

COM CARTA-PREFÁCIO
DE
AGNELLO BITTENCOURT
(Da Academia Amazonense de Letras)



"... é um trabalho que se lê, relê e guarda carinhosamente."
(Da Carta-Prefácio)



Manaus—1952

João Chrysóstomo de Oliveira

A BÍBLIA,

O Livro da Liberdade Salvadora

(Ligeiro estudo da liberdade nas
páginas da Bíblia)

COM CARTA-PREFÁCIO

DE

AGNELLO BITTENCOURT

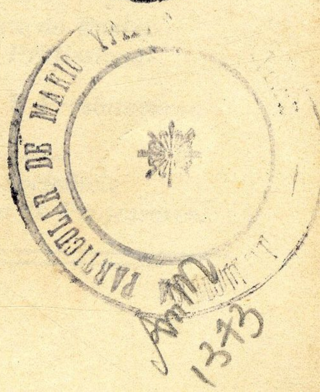
(Da Academia Amazonense de Letras)





"... é um trabalho que se lê, relê e guarda carinhosamente."
(Da Carta-Prefácio)





Manaus—1952

Ao caro Mario Ypiranga
Monteiro com um grande
amplexo fraternal e amistoso de

[illegible]

24/1/61

Prof. Agnello Bittencourt

Lente jubilado de Geografia do Colégio Estadual do Amazonas

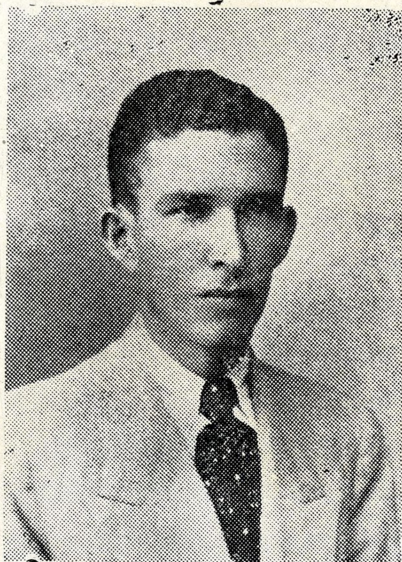
Lente jubilado da Escola de Comércio "Solon de Lucena"

Membro da Academia Amazonense de Letras

Ex-Diretor de Educação de várias Administrações do Estado

Membro do Instituto Histórico-Geográfico.





Porf. João Chrysóstomo de Oliveira

Prof. de Português do Instituto de Educação

Superintendente do Ensino Primário e Profissional

Presbítero da I. Presbiteriana de Manaus

Presidente da Sociedade Amazonense de Professores.

CARTA - PREFÁCIO

Rio de Janeiro, 3 de Julho de 1952.

Prezado Amº. Prof. João Chrysóstomo de Oliveira:

(Manaus)

Saúdo-o cordialmente.

Com gentil dedicatória, está em minhas mãos o seu discurso intitulado "A Bíblia, o livro da liberdade salvadora" proferido a 1.º de maio do corrente ano, no templo da Primeira Igreja Batista de Manaus. Sem favor de apreço e amizade, devo dizer-lhe que é um trabalho incisivo, erudito e brilhante: incisivo porque não contorneia um só momento e, assim, não foge ao tema escolhido para enaltecer a liberdade dentro das páginas da Bíblia; erudito, porque todo está ilustrado no pensamento de grandes mestres da filosofia e da história; brilhante, porque juntou à idéia o florilégio da linguagem. Seu discurso é uma peça que se lê, relê e guarda carinhosamente. É que êle traduz a ansiedade de todos os espíritos que se julgam presos ou ameaçados nas angusturas de leis muito restritas, isto é, daquelas que fecham os homens na CORTINA DE FERRO *dos preconceitos e dos rigores da política e da religião.*

Nada mais nobre que a liberdade de pensar e de dizer, sem ultrapassar os limites da liberdade alheia.

No campo das opiniões, muita gente quer horizontes bem amplos para si, e, minguados, para os outros. Daí as reações destes, a luta eterna, a quebra da fraternidade universal.

A ambição é inimiga irreconciliável da liberdade. E, como tal, a origem das desgraças que ensanguentam a terra, de quando em vez. Para o confirmar, a Bíblia está cheia de exemplos, fato que ressalta no dis-

curso que me inspirou estas palavras. Nunca a liberdade mundial esteve tão ameaçada. Jamais os escravocratas da política de todos os tempos abusaram dêsse nome e do termo democracia, como hoje. Invocando-os, os espertos, nas suas promessas diabólicas, enganam os incautos, escondendo-lhes os grilhões formarão, no mundo por eles dirigidos, um "partido-único", como se fôsse possível estandartizar, numa só medida, aquilo que, por sua natureza, é sempre partido.

A Bíblia, alertando a consciência dos povos contra a escravidão, é e será sempre um toque de reunir, um apêlo sagrado nos arraiais da liberdade. O seu discurso, meu caro Prof. João Chrysóstomo, tambem é um apêlo aos ingênuos e aos homens que dormem o sono do indiferentismo, ignorando os avisos dos romanos Anibal ad portas, *quando já se ouvem as fanfarras do inimigo, que se aproxima!*

Com os meus agradecimentos pela bondosa oferta, parabens por mais essa afirmação de sua inteligência e cultura.

AGNELLO BITTENCOURT.



Biblia, o Livro da Liberdade Salvadora

I

A LIBERDADE COMO ETERNO IDEAL DO HOMEM

A liberdade não se define porque definí-la é cercear os seus termos e cercear os seus termos é submeter-se à ameaça de escravidão.

Só podemos dizer que a liberdade tem sido a suprema e sempiterna aspiração do homem, a flama que tem incendiado o seu coração, a faúlha que tem comburido o seu eu, a chama que tem feito crepitar a sua consciência agitada.

Em nome da liberdade se têm forjado herois encarnados em um Bolivar, um Washington, um Wellington; em nome da liberdade se têm levantado desvairados massacradores encarnados num Robespierre, e num Torquemada; em nome da liberdade, a estrada da vida humana tem ficado juncada de corpos de mártires que se agigantam em nossa admiração e estima como um São Pedro, um São Paulo, um João Huss; em nome da liberdade, enfim, o homem canta como um Castro Alves, chora como um Jeremias, cobre-se de glória, mesmo tombado ante bala assassina, como um Lincoln.

E, assim, a liberdade ora cobre de flores, ora embebe de sangue, ora envolve de trevas, ora enche de gemidos e de troar de canhões a estrada acidentada da humanidade.

"Sangue, suor e lágrimas" — é a admirável síntese churchiliana da história da liberdade dos tempos modernos.

Mas o homem quanto mais aspira e persegue a liberdade em sua concepção, mais desgraçado se

torna sem ser livre... porque a liberdade é irmã gêmea da felicidade que "está sempre apenas onde a pomos e nunca a pomos onde nós estamos".

Eis a justa razão por que um grande crítico de Carrell declarou com profundeza que o homem é um "sábio encarcerado, mestre analfabeto, rico na pobreza, forte na fraqueza, sendo tudo e não tendo nada".

II

"O LIBERTADOR" SEM LIBERDADE

A imágem impressionante do "sábio encarcerado", temo-la na figura dominadora e legendária de Bolivar, o Libertador, nos últimos momentos de sua preciosa e agitada existência, a dialogar com o seu médico, francês expatriado voluntário. Ouçamos o seu magistral biógrafo Thomas Rourke:

"Os períodos de febre se amiudaram e trouxeram o delírio. Nos momentos lúcidos êle ficava muito calmo. Falava com o Dr. Révérand na sua lingua.

— Que é que veio buscar nesta terra, doutor? — perguntou-lhe certa vez.

— A Liberdade, senhor.

— E encontrou-a?

— Encontrei, meu general.

— Então foi mais feliz do que eu."

Eis a situação contrastante do Libertador que não ficou liberto; do Libertador que libertou várias nações e não encontrou a liberdade; do Libertador que quebrou os grilhões de algumas pátrias e ficou agrilhoado; do Libertador que criou muitas pátrias livres e ficou sem pátria e sem liberdade pois suas últimas palavras foram endereçadas aos colombianos como patrícios e a Colômbia deixou de ser seu berço separando-se da Venezuela, separação que era motivo de preocupação, de desgosto do grande Soldado.

"Colombianos! Minha última vontade é a felici-

dade da pátria. Se minha morte concorrer para o fim do partidarismo e consolidação da União, baixarei em paz para a sepultura."

Mas tal união não se concretizou e a pátria com que tanto Bolivar sonhara, por que tanto se batera e sofrera deixou de existir com o desmembramento, acontecimento que sempre previra com amargura, e por sua causa se externava com mágua ante a insatisfação de seus guerreiros e compatrícios: "Eu temo ainda mais a paz do que a guerra".

III

O HOMEM FINITO COM ANSEIOS INFINITOS

"A liberdade é como a própria vida, nasce e cresce na dôr" — eis o conceito feliz de Graça Aranha pela boca de um de seus personagens de "Canaã" — que bem se aplica à situação do homem em luta pela liberdade.

E em sua luta pela liberdade, o homem se esbate aflitivamente dentro de si próprio.

"O homem só é senhor da sua individualidade, na porção do espaço, cujo horizonte pode medir com os olhos, naquilo que é finito e limitado" —segundo ainda o imortal Graça Aranha.

IV

PASCAL LIBERTADO DA DÚVIDA

O grande Blaz Pascal, na ânsia de liberdade para a sua alma atribulada pela dúvida confessou em página brilhante e cheia de emoção:

"Contemplo tôdas as partes e não vejo senão obscuridade. A natureza nada me oferece que não seja matéria de dúvida e inquietação. Se não houvesse nada que assinalasse a presença de uma divindade, me

determinaria a não crêr em nada. Se encontro por tôdas as partes as provas de um Criador, descansareí em paz nos braços da fé..."

"Vejo uma multidão de religiões em muitos paises do mundo e em todos os tempos; porém, essas religiões nem têm uma moral que me agrade nem provas que me convençam."

E depois de longas e judiciosas reflexões, êle lança as suas vistas, empolgado, para uma "partesita do mundo", onde encontra um "povo especial", cuja "história extraordinária é anterior a tôdas as demais, povo que anuncia em livro maravilhoso que virá um Libertador para tôdos; que êles estão no mundo para anunciá-lo e que foram constituidos expressamente para ser os mensageiros dêste grande acontecimento e a fim de chamar a todos os povos a que se unam para esperar c dito Libertador".

"Não encontro razão alguma para duvidar da veracidade de um livro que contem tôdas estas coisas. Pois há uma grande diferença entre um livro que faz um particular e o lança no meio do povo e o livro que faz êle próprio um povo".

V

A BÍBLIA, O CENTRO DA LIBERDADE ESPIRITUAL

EIS aí, prezados senhores, o livro da liberdade — a BÍBLIA: o livro que libertou Pascal da dúvida: o livro que libertou Agostinho das angústias da carne e do maniqueísmo ante o solene "*Tole et lege*"; o livro que libertou São Paulo da intolerância mosaista; o livro que libertou o mundo do pavor de uma total condenação; o livro que libertará da influência corruptora do Mal que impera no mundo, os povos que o seguirem, seguindo o seu inspirador, o seu grande e maravilhoso personagem central: JESUS CRISTO.

A Bíblia criou, no justo pensar de Pascal, o povo hebreu, o povo de Deus e êste livro santo criou em

nova dispensação o povo cristão, povos êstes que foram criados para a liberdade, pois ambos receberam estas duas sugestivas mensagens: "e proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores". (Lev. 25:10) "Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" — sendo esta última trazida em pessôa pelo próprio Libertador, o NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

VI

A LIBERDADE BÍBLICA E A PREDESTINAÇÃO

"LIVRO que apregôa os decretos eternos e a predestinação não pode oferecer liberdade" — dizem os fatalistas. A presciência de Deus, responderemos, não tolhe a liberdade dos homens. Deus prevê os nossos atos praticados livremente e portanto baixa os seus decretos dentro da nossa liberdade de ação. Os atos humanos consequentemente não acontecem porque Deus os prevê; porém Deus os prevê porque êles hão de acontecer, em função da liberdade atribuida a cada criatura, segundo judicioso pensar de um brilhante comentarista do assunto em foco.

VII

A LIBERDADE BÍBLICA E OS DECRETOS DIVINOS INAPELÁVEIS

MAS como a Bíblia pode ser o livro da liberdade se encerra livros de rigorosas leis, de inapeláveis proibições, de temíveis preceitos do mosaísmo "do ôlho por ôlho, dente por dente?" Onde é que está a liberdade em um livro que prescreve o apedrejamento para o infrator do decálogo? Como é possivel considerar-se o livro da liberdade, o livro que apresenta o

próprio Moisés inexoravelmente castigado, sendo privado de entrar na terra da Promissão?

A Bíblia, responderemos, é o livro da liberdade porque pinta em côres vivas a incapacidade, a fraqueza, a pusilanimidade do homem em cumprir sozinho os preceitos para a sua reabilitação e lhe apresenta o magnânimo advogado que sacrifica a sua própria vida para socorrê-lo e libertá-lo de sua condenação eterna: Jesus Cristo. A Bíblia é o livro da liberdade porque todas as suas leis e proibições foram barreiras intransponíveis para o homem impotente, vencidas por Jesus Cristo que as cumpriu fielmente até a remissão de nossas culpas com a terrível morte no Gólgota para que todos nós podêssemos alcançar pela fé a graça salvadora, a graça alentadora, a graça bemaventurante que enche os corações dos pecadores da verdadeira paz, da verdadeira serenidade, da verdadeira segurança, da verdadeira plenitude de alegria que tão bem ficou traduzida na mensagem do Nosso Senhor Jesus Cristo: "A minha graça te basta".

VIII

CRISTO E GAMALIEL — OS MESTRES DA LIBERDADE

A Bíblia é o livro da liberdade porque não inspira a intolerância religiosa como se pode provar com a respeitável figura do grande e admirável doutor da lei Gamaliel.

Educado nos princípios rígidos do mosaísmo, onde tudo se submetia aos cânones imprescritíveis dos preceitos da velha dispensação, Gamaliel soube elevar-se acima dos exagêros legalistas, liberto da intolerância, perante o tribunal reunido para condenar os pregoeiros do Supremo Libertador — Pedro e João — dando êste conselho salutar e maravilhoso que só podia partir de um espírito aberto aos grandes vôos da liberdade, inspirado pelo Livro Santo, pela confiança em Deus:

"Dai de mão a êstes homens e deixai-os, porque, se êste conselho ou esta obra é de homem se desfará, mas se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus".

Eis aí o homem livre para os grandes vôos da fé e da confiança em Deus, que não admite a opressão da consciência, não tolera a intolerância e jamais comanda apedrejamentos.

Quando Tiago e João revoltados com a recusa dos samaritanos, de darem pousada a Jesus e seus companheiros, perguntaram ao Mestre se queria que pedissem fogo do céu para os consumirem, o Salvador deu magistral lição de tolerância e caridade com as lapidares palavras que deviam estar gravadas em todos os templos e corações cristãos:

"Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens mas para salvá-las":

Que postulado encantador de tolerância! Que ensinamento encantador de magnanimidade, de compassividade e de nobreza espiritual! Quem pode recusar-se de aceitar a Bíblia como o livro da liberdade, diante da maravilhosa lição de longanimidade que ela encerra? Quem pode deixar de abraçar o Livro dos Livros como o livro da liberdade ante o seu maravilhoso ensinamento predicado por Jesus, de deixar livres os inimigos que o feriram com o desprêso?

"Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus"—foi a lição suprema de liberdade que Jesus nos deixou ante os inimigos que o queriam ver escravizado ou à igreja ou ao Estado para sua condenação ante a cilada da pergunta: Se era justo pagar tributo a Cesar.

IX

OS LIBERTADOS PRISIONEIROS DOS DIAS PRESENTES

O drama de Bolivar em não ter encontrado a liberdade, a despeito de tê-la conquistado para vá-

rias nações através de quinhentas batalhas é o drama de tôda a humanidade; é o drama de milhares de criaturas que vivem perseguindo a liberdade com a estreita concepção de Rousseau de que "ser livre é obedecer apenas a si próprio", ficando assim escravizadas a um cortejo de paixões que laceram o seu corpo e a sua alma e que incendeiam o seu ego em uma verdadeira fogueira de insaciedade.

A verdadeira liberdade é a liberdade que implica autoridade, é a liberdade que diz dever, é a liberdade que subentende obediência. A liberdade da Revolução Francêsa resultou no desvairamento e no terror robespierriano porque foi dada aos homens sem qualquer lastro moral e espiritual. E a liberdade do cristianismo resulta na paz e na tranquilidade porque é aceita pelo homem que exulta e vibra ante a doce menságem pauliana: "Fôstes chamados para a liberdade. Não useis então a liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade".

O fundamento, portanto, da liberdade cristã apregoada no Livro Santo é ser livre para servir; é ser livre para experimentar o gôso sublime de ser servo; é ser livre para andar alegre e exultante *a segunda milha.*

"A tragédia do século XX", segundo Chesterton citada por João Del Nero, "não é tanto a falta de liberdade: é a falta de gôsto de liberdade".

Na realidade, o homem do século atual vive um drama quotidiano buscando a liberdade no individualismo egoista, na satisfação de seus apetites, na corrida cega e violentadora da salvaguarda dos seus interêsses materiais, tornando-se verdadeiro obcecado das competições sem entranhas. Eis a razão das loucuras coletivas em que se perpetram os crimes mais terríveis, em que se fomentam as guerras mais atrozes, deixando o mundo transformado em uma fogueira indominável alimentada pelo corpo e pela alma do homem desesperado, homem que buscando a riqueza encontra a miséria; buscando a fama encontra o escárneo; buscando

o confôrto encontra o meio hostil; buscando a alegria encontra a lágrima e buscando a liberdade, encontra a escravidão!

Desorientado por esta cegueira e esta dureza de coração é que o homem, cheio de vaidade e personalismo não pode encontrar a liberdade no Livro Santo, liberdade que é oferecida em tôdas as suas páginas: liberdade que é sonhada após a passágem do mar Vermelho, liberdade que é realizada na entrada de Canaã pelo povo hebreu; liberdade que é aspirada pelo filho pródigo feito guardador dos porcos, liberdade que é realizada em seu regresso cheio de arrependimento e humildade; liberdade que é ansiada pelo pecador afastado de Deus, liberdade que é realizada quando êle submisso se entrega a Cristo com a pergunta súplice: "Senhôr, que queres que eu faça?"

X

COMO CONQUISTAR A LIBERDADE

COMO conquistar então esta liberdade? Qual o seu caminho?

"Os caminhantes, até mesmo os loucos não errarão"—responde Isaías. "A confiança é a alma da fé" e é pela confiança absoluta em Cristo que se conquista a verdadeira e suprema liberdade

"Bem andou o Salvador dos pecadores em ter posto uma criança no meio dos homens, convidando-os a tornarem-se como pequeninos, pois os sábios escarnecem e desdenham do Evangelho pela sua simplicidade" — diz com muito acêrto Artur Pierson.

"A primeira condição de liberdade é o cumprimento da lei" — no pensar judicioso de Alexandre Herculano e a primeira condição da liberdade cristã é a obediência e a submissão a Deus.

"O meu jugo é suave e o meu fardo é leve" — eis a garantia maravilhosa que dá o Salvador a quantos entregarem a sua vida, o seu ideal, a sua aspiração ao seu serviço.

"Contam alguns escritores" — é Miguel Rizzo quem no-lo repete—"que Ábraão Lincoln, libertando os cativos dos Estados Unidos, mandou afixar pelas estradas especialmente nos cruzamentos dos caminhos, enormes cartazes que continham a proclamação da grande nova. A noticia da liberdade e de suas magníficas bençãos devia, assim espalhar-se por todos os recantos do país; atingir a todos os lares; e alegrar a todos os corações.

Alguns escravos, no entanto, ouviram lêr a proclamação e não creram nela. Afeitos a prolongado cativeiro, acharam as prerrogativas que então se lhes ofereciam, grandiosas demais e inacreditáveis,

E porque não creram, continuaram na escravidão".

Assim acontece com os homens do mundo: porque não crêem continuam escravizados às suas paixões e tendências para o mal, escravizados às riquezas materiais, como o moço rico, escravizados aos falsos padrões de valores criados pelo mundo.

Mas o Libertador está persistentemente batendo à porta de todos.

"Eis que estou à porta e bato".

Convem que se descerrem as portas do coração humano para que Cristo nele reine e impere absolutamente proporcionando-lhe completa libertação.

XI

ROUSSEAU VENCIDO PELO LIVRO SANTO

CONTAM os biógrafos de Rousseau que certa vez uma pessoa entrou inesperadamente em sua casa e o surpreendeu a lêr o Novo Testamento à sua filha e imediatamente o interpelou:

—"Que é isso Rousseau? Você que se proclama incrédulo está ensinando o Evangelho à sua filha?"

E imperturbávelmente êle respondeu:

—"Meu amigo, se você tem aí alguma cousa me-

lhor que o Evangelho para lêr a uma filha, faça o obséquio de me dar."

E o amigo não soube responder.

Eis o poder extraordinário da Palavra de Deus: O criador e escravo do individualismo, do egolatrismo lendo para sua filha o Livro Maravilhoso que apregoa a completa libertação do homem das paixões egoísticas e aconselha o altruismo que vai até o benefício incondicional aos inimigos.

XII

A LIBERTAÇÃO DO HOMEM DAS GARRAS DA MORTE

O maior pavôr do homem é o da morte,

A morte tem algo de poderoso e apavorante a dominar esmagadoramente o homem. Falar na morte é provocar a gelidez estarrecedora que percorre a espinha dorsal do homem, quebrando-lhe tôdas as fôrças, abatendo todas as suas energias e criando-lhe o calafrio indescritível que fala do ignoto do além-túmulo.

"Terrível para todos os homens é a morte, de longe chamada rainha dos terrores" — diz acertadamente Carlyle.

A antiga nobreza sentia um verdadeiro desespêro ante a idéia da morte, pois achavam os reis e nobres que deviam ficar isentos de seus terríveis efeitos. Luis XV interpelou com viva indignação seu secretário por haver este usado a expressão o "DEFUNTO rei da Espanha". desculpando-se o serventuário inteligentemente para livrar-se da ira do rei: "é um título que êles tomam, meu senhor". E assim o infeliz rei "não consentia que lhes falassem na morte; evitava a vista dos cemitérios de monumentos fúnebres e de tudo o que lhe pudesse provocar a sinistra lembrança,"

Contudo a morte não deixou de visitar o leito de Luis XV.

"Nem os muros do palácio — é pensamento de Carlyle — nem as guardas reais, nem as tapeçarias ca-

ras, e nem o formalismo do mais rígido cerimonial a puderam afastar: ela aqui está para tirar o teu sôpro de vida, e há de tirar-to. Tu, cuja existência tôda foi até aqui uma quimera e um espetáculo cénico, vais finalmente ser uma realidade: o suntuoso Versalhes submerge-se, como um sonho no vasio da imensidade; terminou o teu tempo e tôdas as suas construções desabam com medonho estridor em volta de tua alma: os reinos das sombras abrem as goelas; e ali tens de entrar, nú, sem manto real, e esperar a tua sentença! Infeliz homem, quando te vires em lenta agonia, no teu leito de enfêrmo, que pensamentos devem ser os teus!"

Como libertar-se da morte? Como sentir-se sereno e tranquilo ante a idéia da morte?

Só escutando com fé as palavras de Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida" — ao ressuscitar Lázaro. São Paulo é o mestre da vitória sôbre a morte porque ouviu com fé Jesus Cristo, deitado por terra na estrada de Damasco, E por esta fé inabalável, dizia com serenidade: "Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro". Estêvão sob a violenta chuva de pedras assassinas, não se perturbou ante a morte. Antes, com serena fisionomia de santo bradou: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" e pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: "Senhor, não lhes imputes êste pecado."

"Tragada foi a morte na vitória"—é o brado de triunfo sôbre a morte dado por S. Paulo, cuja santa experiência se transmitirá a quantos depositarem fé inabalável em Jesus Cristo através do Livro Santo,

É pois a Bíblia o livro da liberdade do homem das garras da morte.

XIII

O EXEMPLO DE DANIEL

Senhores e jovens cristãos:

Uma lei da Babilônia criou um imperativo odioso para que Daniel se dobrasse ao seu Rei, mas para

aquêle grande e valoroso varão as leis de Jeová eram superiores, eram o seu supremo alvo, a sua ardente aspiração pois o segrêdo da sua bravura espiritual estava no maravilhoso lema: "Êle servia a Deus continuamente".

Êle considerou-se um cidadão soberanamente livre daquela imposição legal partida de homens que tiveram a ousadia inacreditável de pretender sobrepujar-se a Deus. Mesmo exilado de sua Pátria, via a liberdade através das "janelas que olhavam para Jerusalém" e altivamente desrespeitou a lei de Babilônia, que embora lhe houvesse "dado prestígio, posição, poder, não podia lhe dar a paz, não satisfazia suas necessidades espirituais". Em vez de dobrar-se ao seu rei como mandava o edito "três vezes no dia se punha de joelhos, orava e dava graças, diante do seu Deus, como também antes costumava fazer", recebendo por isto a condenacão do lançamento à cova dos leões.

Mas a liberdade de que Daniel estava possuido era tão extraordinariamente poderosa que o próprio rei ao fazer cumprir o seu decreto, jogando aquêle eleito de Deus entre as feras, disse contagiado da fé daquele maravilhoso condenado: "O teu Deus a quem continuamente serves, Êle te livrará".

E aquela fé venceu com a libertação de Daniel.

XIV

LIBERTEMO-NOS COM A BÍBLIA

Extasiados na contemplação do quadro maravilhoso da vida do grande servo de Deus, no dia de hoje em que se homenageia o LIVRO SANTO, rasgai escancaradamente as janelas dos vossos lares para a Jerusalém celestial, através da leitura da Bíblia. Abri as janelas dos céus para os pecadores, abrindo a Bíblia, o Livro da liberdade, aos seus corações aflitos, às suas mentes perturbadas, às suas consciências oprimidas pelo êrro.

Abri o caminho da liberdade aos homens condenados pelo pecado, abrindo-lhes com o vosso testemunho danielino as páginas áureas do Livro do Redentor e garantindo-lhes com o ardor dos eleitos abrasados pela fé; "Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres".

Sêde livres com o Livro Santo, fazendo os pecadores santos e livres para Cristo!



BIBLIOGRAFIA

ARTUR T. PIERSON — Muitas Provas Infalíveis — Tradução de Rogélio Cardoso.

ALEXANDRE HERCULANO — Opúsculos.

BÍBLIA SAGRADA — Versão do Padre Antonio Pereira.

E. M. CAMPAGNE — Dicionário Universal de Educação e Ensino — Tradução de Camilo Castelo Branco.

GALDINO MOREIRA — A Augusta Soberania da Consciência — *In* "O Atalaia" ano XXVII n.º especial.

GRAÇA ARANHA — Canaã.

HERCULANO GOUVEIA JUNIOR — Supremacia de Cristo — *In* Arauto Cristão, maio de 1950.

HUMBERTO ROHDEN — Agostinho.

JOÃO DEL NERO — Duas Tradições de Liberdade — *In* Fé e Vida — Janeiro de 1945.

JOSÉ DE AZEVEDO GUERRA — No Cenáculo — Janeiro e Fevereiro de 1949.

MIGUEL RIZZO — O Varão de Dôres.

PASCALL — Pensamientos.

THOMAS ROURKE — Bolivar, o Cavaleiro da Glória.

TOMAS CARLYLE — História da Revolução Francêsa.

TIPOGRAFIA
VILHENA



L. Vilhena & Cia.

FONE, 2368

MANAUS
AMAZONAS

1952



Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

